



O “Último Cerieiro” de Felgueiras Torre de Moncorvo

Texto e desenhos: Joaquim Pífano¹

Fotografias: Maria Luísa Garcia e Carlos Pimenta

Resumo: Neste texto os autores tentam documentar o processo de obtenção da cera a partir de um secular lagar e o sequente fabrico artesanal de velas. A importância deste documento resulta de um testemunho pessoal, de uma observação em que se assiste às explicações de todo o processo da atividade de um cerieiro, sendo o Sr. Acácio Mendes, o “Ti Acácio”, um dos últimos depositários desse ancestral saber na região transmontana.

Já lá vão uns anos desde que pela primeira vez ouvi falar em lagares de cera no Norte do país.

Há cerca de um mês, aproveitando a minha deslocação a Macedo de Cavaleiros para a Apio-casião, fui convidado pelo meu amigo Paulo Ventura, técnico da Associação de Apicultores do Nordeste (Mirandela) para visitarmos um desses lagares, em Felgueiras – Torre de Moncorvo, no distrito de Bragança.

Chegamos à pequena aldeia eram quase 19:00 horas, o Sol já se escondia por detrás das imensas colinas que bordejam a margem direita do rio Douro. Gostei do local, do isolamento, das casas de xisto que davam ao mesmo tempo um ar nostálgico e acolhedor.

À nossa espera estavam dois idosos, o Sr. Bernardo Fevereiro e o Sr. Acácio Mendes, “Ti Acácio”, como é conhecido na freguesia. Este último, artesão de velas e um dos últimos utentes do antiquíssimo Lagar de Cera, que terá mais de 300 ou 400 anos, conforme me disseram mais tarde.

O sorriso terno e sincero do Ti Acácio despontava num rosto bem corado, cabelo e bigode brancos marca indelével de 78 anos de trabalho duro, mas sobretudo bem vividos. Ou não o atestasse a frase mais marcante e esclarecedora que lhe ouvi em toda a visita:

“Eu estou bem, os meus filhos estão bem, os meus amigos estão bem, sou feliz!”

¹ O “MONTE DO MEL” é um blog de divulgação apícola iniciado em 2008 onde partilho sobretudo as minhas experiências neste sector e que teve um período de maior actividade entre 2008 e 2013. Poderá a breve trecho vir a ser uma marca de produtos apícolas. Conteúdo também publicado em: <http://montedomel.blogspot.com/2011/03/o-ultimo-cerieiro-de-felgueiras-torre.html>



Fig. 1 Pormenor do interior do lagar de Cera



Fig. 2 O “Ti Acácio”, explicando o funcionamento do lagar



Fig. 3 Interior do Lagar de Cera

Adivinhava-se uma visita muito agradável na companhia deste “vivaço” e realizado contador de histórias, que era o Ti Acácio. Cedo percebi que tão ou mais interessante que o lagar centenário era a experiência de vida deste idoso.

De entre elas anotei que viajava muito entre Felgueiras, Macedo de Cavaleiros e Bragança, montado no lombo de um possante “macho”, animal cada vez menos comum, híbrido do cavalo com o burro. Transportava velas de cera e mel que vendia no destino, trazendo de volta favos e mel que comprava aos apicultores.

“Uma vez ia sendo preso em Bragança”, mau estar causado entre a população local, por causa da enorme quantidade de mel que aí comprou, “quase que ficaram sem mel para as suas necessidades, mas tudo se resolveu a bem”.

Doutra vez foi a urgência em vender grande quantidade de mel, estava a pouco tempo de ingressar no serviço militar, período que lhe traz muitas recordações. “Conseguí vender tudo, o que não vendi troquei por azeite, nem toda a gente tinha dinheiro...”

Visitava os apiários, onde negociava com os apicultores. Comprava-lhes os favos ainda no cortiço, sendo depois crestados ou então, maus hábitos desse tempo: matavam as abelhas para poderem retirar a totalidade da cera e do mel.

Acendiam uma serapilheira com enxofre (morraco), cujo fumo extremamente tóxico para os insectos exterminava toda a colónia. Depois colocavam os favos (mel e cera) em contentores próprios, de metal, que transportavam às costas dos machos.

“Começava por pesar os cortiços do apiário, onde ia deixando uma pedrinha em cima dos que mais me agradavam, uns 30 ou 40, os que estavam melhores. Depois dizia ao apicultor que ficava com uns 100. Eles achavam sempre demais. Escolhia então os que tinha marcado com a pedra, era esses que comprava...”

Por volta da década de 1950, cada cortiço custava-lhe à volta de 60\$00, (0,30 euros) e davam cerca de 15 Kg de mel e 1,5 Kg de cera já apurada.

“Trabalhava-se muito, mas o dinheiro via-se”...

Chegamos finalmente ao antigo Lagar de Cera, lagar comunitário, uma casa em xisto, discreta, localizado numa pequena praça com uma fonte.

Dado o adiantado da hora e a inexistência de luz eléctrica na velha casa, entramos às “apalpadelas” com a luz dos telemóveis e dos flashes das máquinas fotográficas. Era uma única divisão que não tinha mais de cinco ou seis metros de fundo por quatro ou cinco de largo.

As paredes de pedra enegrecidas pelo fumo não só reflectiam o trabalho de gerações de cerieiros, como me traziam memórias da infância. Tinha de facto uma atmosfera surreal, nostálgica e até misteriosa.

Logo à direita da entrada encontrava-se a caldeira, em granito e metal. Era nela que em tempos se aquecia a água para verter sobre a cera durante a prensagem, para acelerar o processo. Sob a caldeira ainda esperavam molhes de carqueja para acender o fogo, mas o lagar já está inactivo há alguns anos.



Fig. 4 Pormenor do interior do Lagar de Felgueiras



Fig. 5 “Ti Acácio” explicando o funcionamento da prensa



Fig. 6 Talha e alforjes para transporte dos favos de cera



Fig. 7 Por menor da roda para o fabrico artesanal de velas



Fig. 8 Roda e mastro para fabrico artesanal de velas

Logo a seguir uma construção em pedra, espécie de pia, onde se colocavam as bolas de cera dentro de um cesto. Era aí que tinha lugar a prensagem.

Sobre o cesto e a cera era colocado enorme bloco de madeira, um êmbolo, sobre o qual assentava a gigantesca prensa de madeira accionada por uma manivela e parafuso.

A prensa, que dominava toda a maquinaria, decerto fora em tempos majestoso tronco de árvore. Agora, com uma extremidade assente na parede (fulcro), equilibrada entre dois mastros, vinha quase até à parede oposta. Era nesta outra extremidade do tronco que enorme parafuso de madeira, accionado por uma alavanca de ferro (tipo molinete), e assente sobre enorme bloco de granito, subia ou descia a prensa.

O cerieiro subia o tronco ou prensa, que aliviava o bloco de madeira sobre o cesto e era aí colocada boa porção de bolas de cera. Girava a alavanca em sentido contrário, para a prensa descer sobre o êmbolo de madeira que forçava a cera fundida (com a água a ferver) a passar pela malha do cesto e a cair num tanque sob a “pia”.

Daqui era retirada para pequenos tanques onde solidificava em blocos, o excesso de água quente escorria por uma caleira central para fora do lagar. A cera era então recuperada dos tanques de arrefecimento, já sólida, e utilizada no fabrico de velas.

Era admirável o aspecto tosco, gigantesco e até grosseiro (mas muito funcional) desta maquinaria com séculos de existência.

Ao fundo e sobre um monte de carqueja seca repousavam algumas talhas, e depósitos

como os descritos atrás para transportarem os favos às costas do macho.

Ainda visitamos uma pequena oficina, noutra rua, onde actualmente o Ti Acácio faz velas de cera de abelha. Mais parafina do que cera, senão ficava muito caro. Trata-se também de um processo curioso e digno de registo.

A maquinaria parece simples, um mastro de ferro vertical e que serve de eixo a uma roda com perto de um metro de diâmetro, na horizontal. A roda tem em todo o perímetro exterior pequenos pregos espetados, espaçados poucos centímetros, onde são pendurados os fios (pavios) das velas.

Sob um dos lados da roda encontra-se grande recipiente de metal, com carvão incandescente por baixo, onde se encontra a cera fundida. É desse recipiente, e sobre ele, que o Ti Acácio, munido de um “caneco” vai retirando e vertendo lentamente a cera nos pavios.

Vai girando a roda, de modo a que todos os pavios passem sobre o recipiente e a cada um vai adicionando novas camadas de cera fundida, até as velas terem o diâmetro pretendido.

Cada “rodada” comporta 57 pavios, 57 velas que demoram cerca de uma hora até estarem prontas. Estas ainda são cortadas a meio comprimento para duplicar a produção.

Tem outro mastro com a roda inserida mais acima para a confecção de círios.

Ainda nos detivemos frente ao velho lagar, onde a conversa fácil e agradável do Ti Acácio nos transportava para muitas décadas atrás. Falou-nos no tempo da juventude, onde ainda foi contrabandista “mas nunca fui preso...”,

Deambulava por sítios e paragens perigosas entre Portugal e Espanha. Chegava a dormir



Fig. 9 Interior da oficina do fabrico de velas do “Ti Acácio”



Fig. 10 O “Ti Acácio” explicando a sua arte



Fig. 11 Velas artesanais produzidas pelo “Ti Acácio”

ao relento em lugares ermos e pouco visitados. À minha pergunta/afirmação sobre os sustos que decerto apanhara, respondeu-me muito sorridente e com vivo brilho nos olhos, “Quantos!?” e já a rir-se, “...e quantos fiz eu apanhar!?”

Era muito tarde e estávamos longe, mas o Ti Acácio ainda arranjou argumentos para nos convidar para um tinto em sua casa. Uma divisão simpática, onde as pipas dividiam o espaço com as alfaías agrícolas. Era ali que ele e os amigos passavam as tardes, pudera...

Numa dependência ao lado estava o velho “matcho”, preso à manjedoura, gozava agora o merecido descanso de tantas e tantas aventuras a transportar mel e cera.

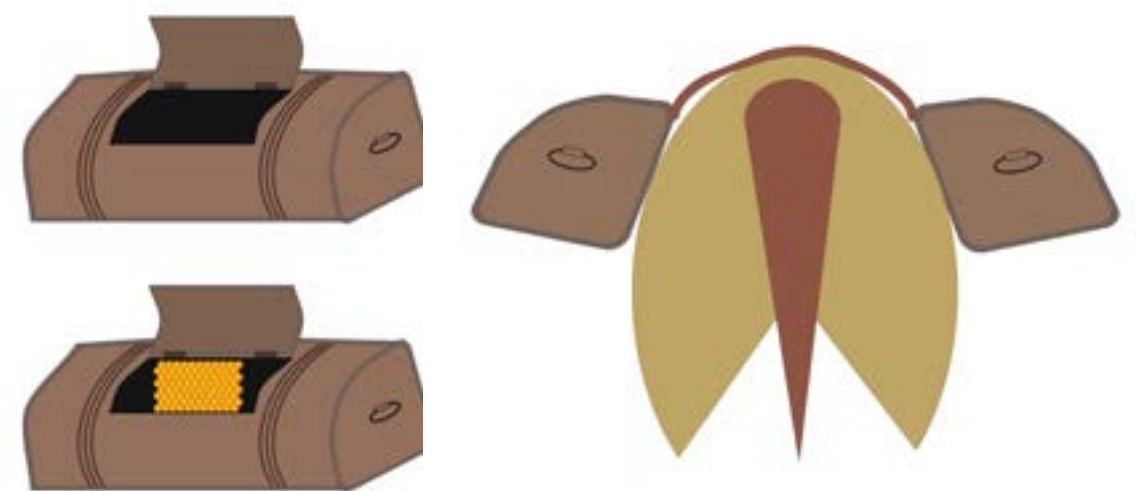
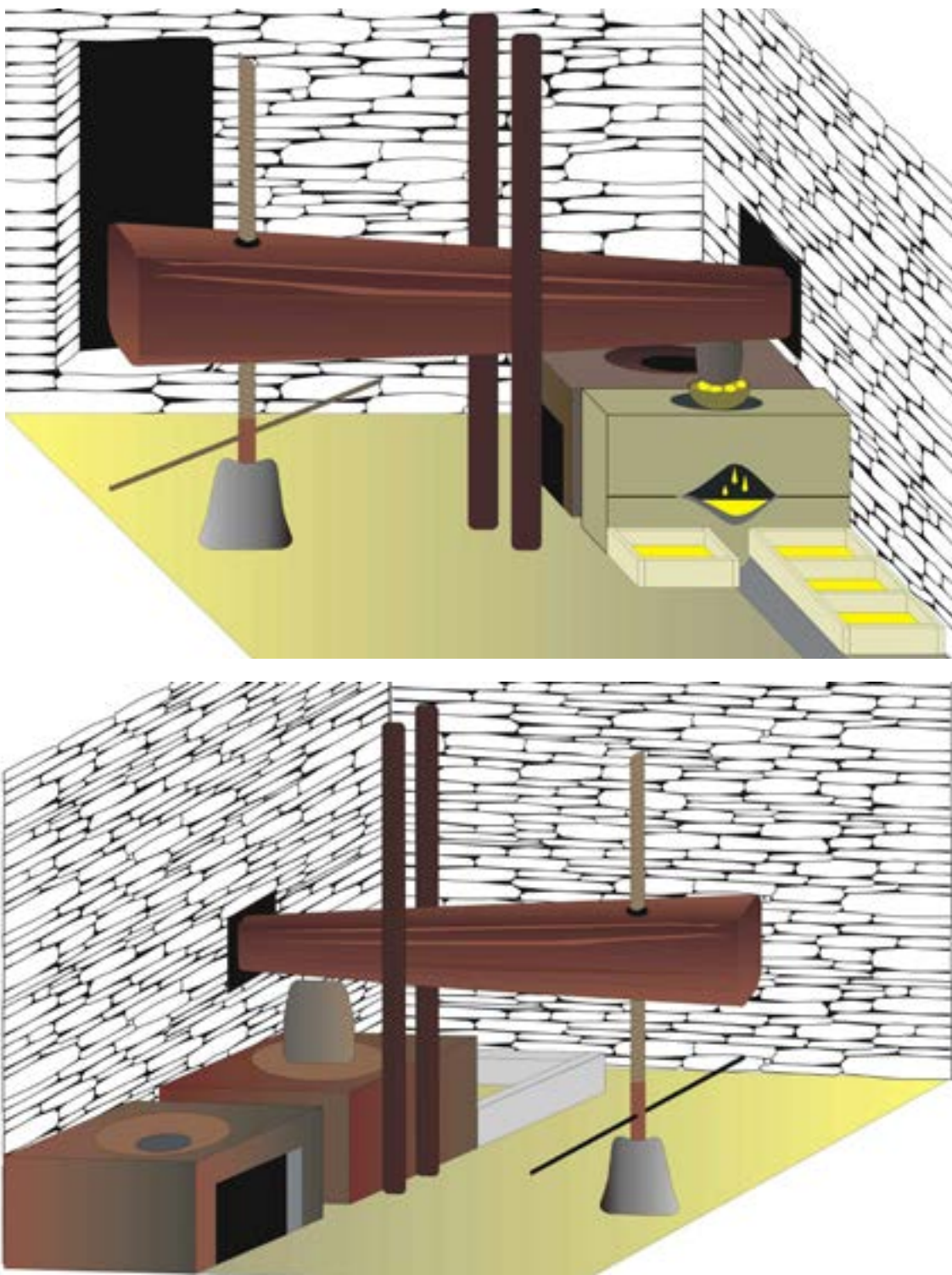


Fig. 12 Alforjes para o transporte de favos Fig. 13 Alforjes em metal colocados no macho para o transporte de favos

Fig. 14 e 15 (página ao lado) - Interpretação gráfica do interior do lagar realizada em duas perspectivas



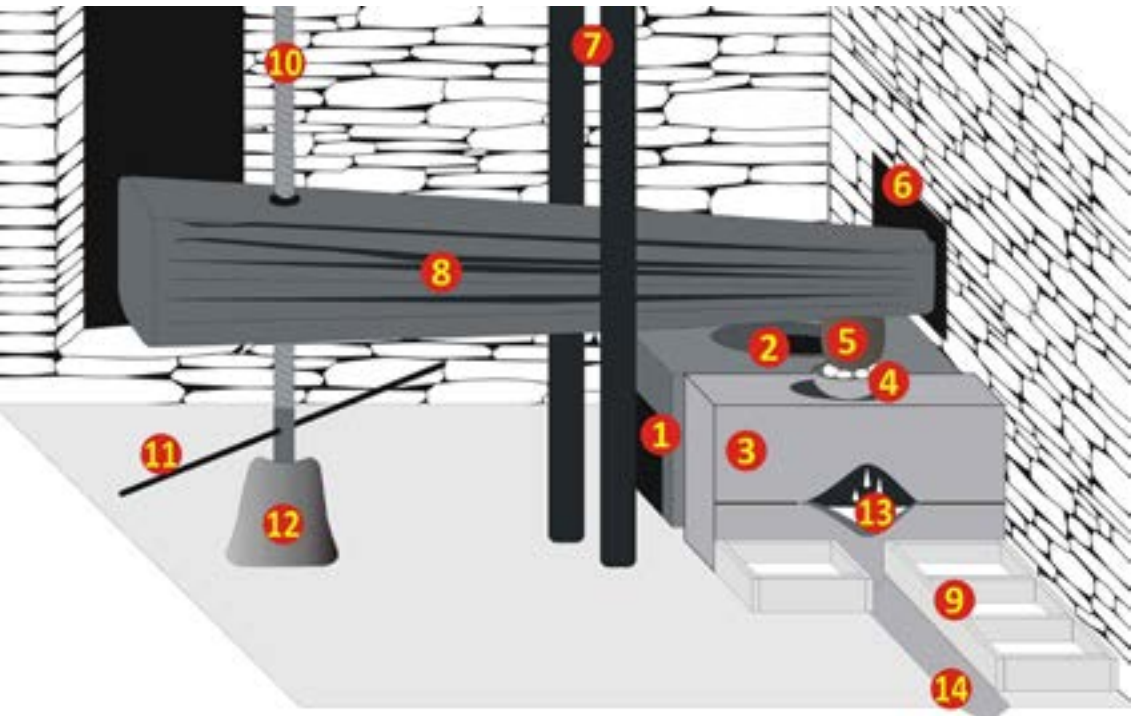
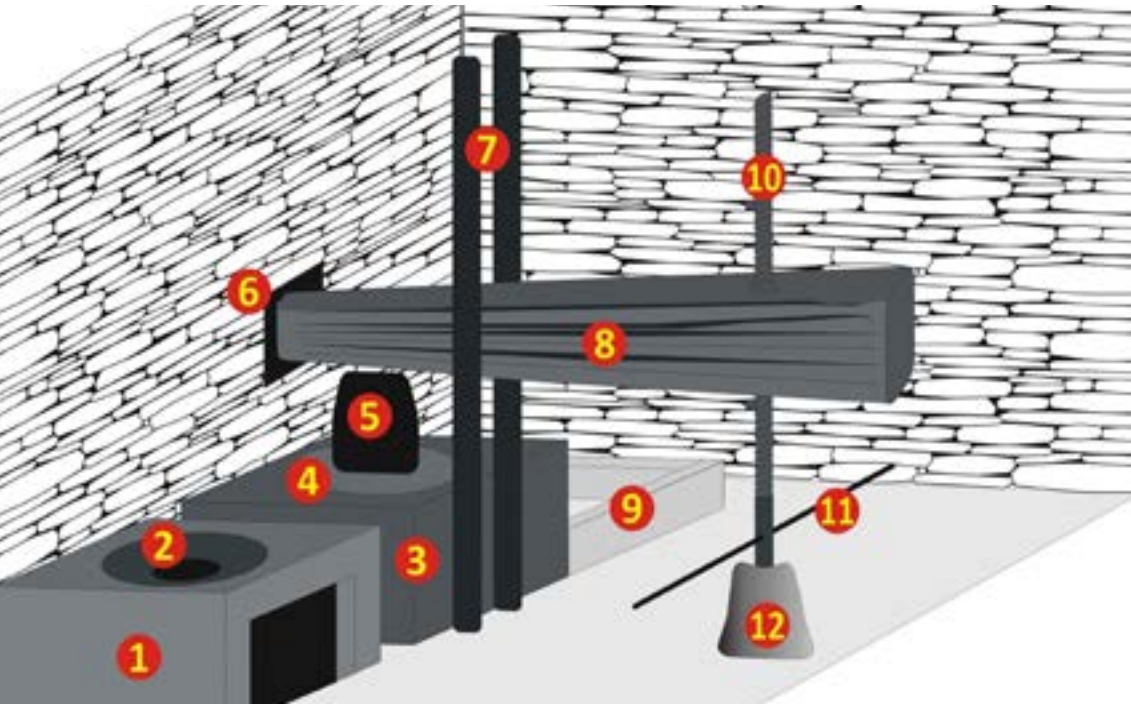


Fig. 16 e 17 Interpretação gráfica do interior do lagar realizada em duas perspectivas



LEGENDA (Fig 17 e 18):

1. Fornalha.
2. Caldeira onde fervia a água.
3. Construção em pedra onde a cera era fundida e “prensada”.
4. Pia onde se colocava o cesto de palha (filtro) com as bolas de cera.
5. Bloco de madeira (êmbolo) que se colocava sobre a cera no cesto.
6. Janela (fulcro) onde assentava a extremidade fixa do tronco (da prensa).
7. Postes de madeira para equilibrar o tronco.
8. Prensa, enorme tronco de madeira.
9. Tanques de recolha e solidificação da cera apurada.
10. Parafuso de madeira que sobe e desce a prensa.
11. Alavanca de ferro que acciona o parafuso.
12. Bloco de granito onde assenta o parafuso.
13. Tanque sob a pia, onde cai a cera já fundida e filtrada.
14. Caleira por onde escorre o excesso de água quente.

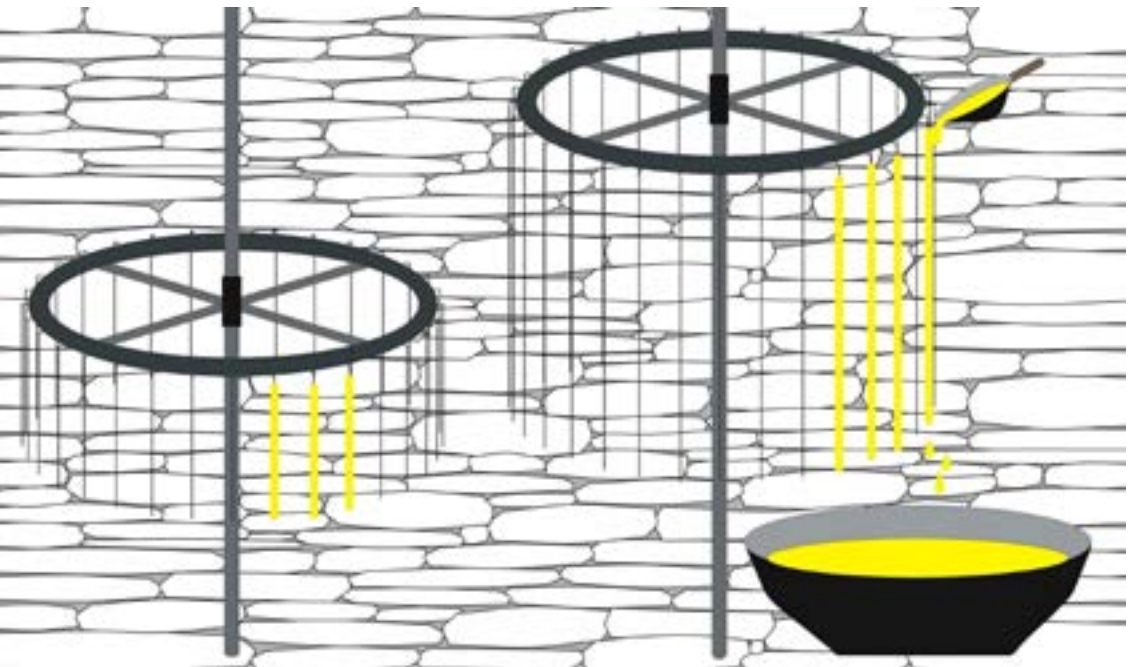


Fig. 18 Processo simples de produção de velas de cera de abelha. Composto por um mastro de ferro vertical que serve de eixo a uma roda com perto de um metro de diâmetro, na horizontal. A roda tem em todo o perímetro exterior pequenos pregos espetados, espaçados por poucos centímetros, onde são pendurados os fios (pavios) das velas.

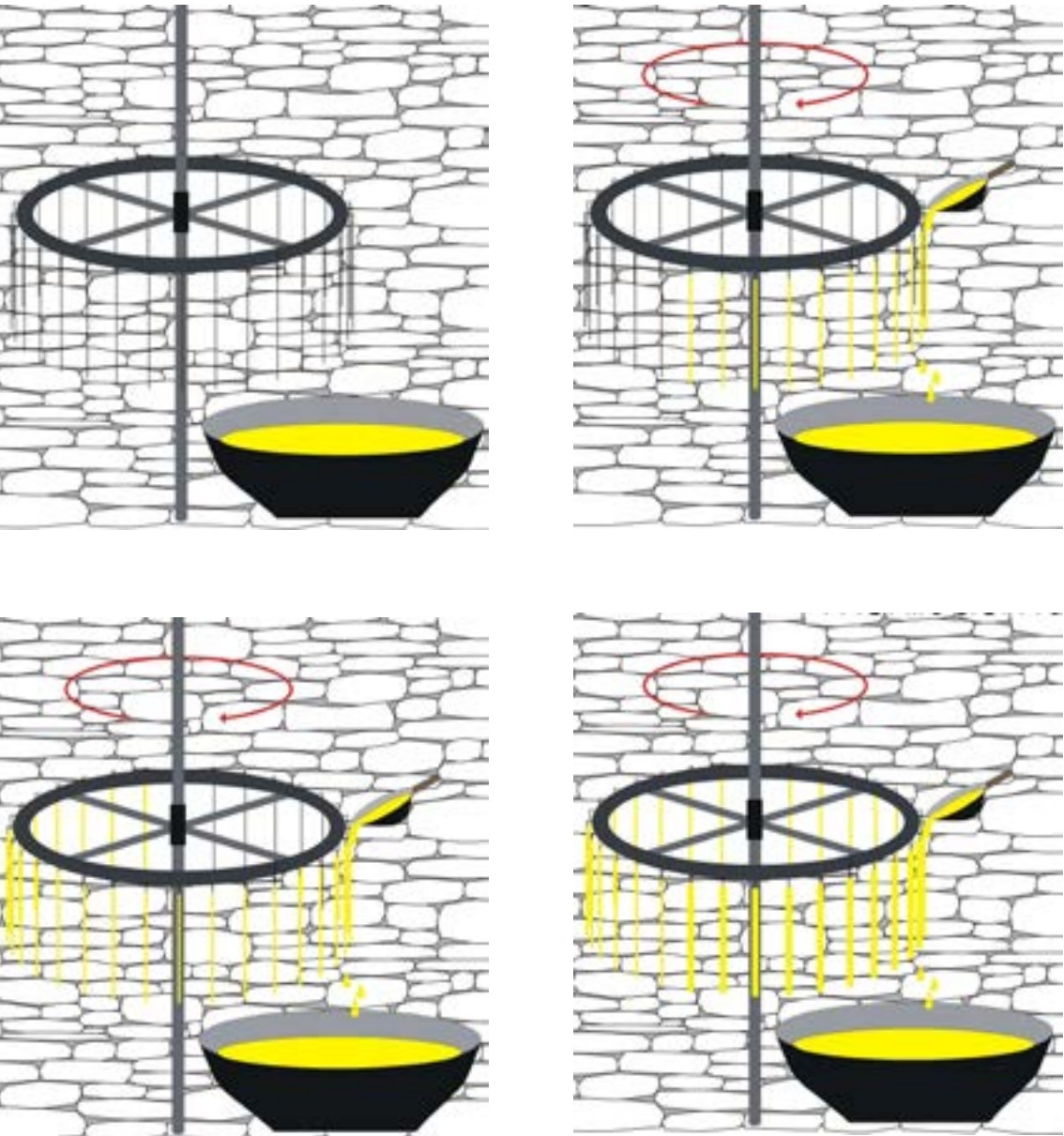


Fig. 19, 20, 21 e 22 Processo de fabrico de velas artesanais. Vai girando a roda, de modo a que todos os pavios passem sobre o recipiente e a cada um vai sendo adicionado novas camadas de cera fundida, líquida, até as velas terem o diâmetro pretendido. Cada “rodada” comporta 57 pavios, 57 velas e demoram cerca de uma hora até estarem prontas.

